

Curso de Técnico Superior Profissional da ESE-IPS

Prova de avaliação de capacidade Prova de acesso

PROVA MODELO

(de acordo com o Decreto-Lei n.º 43/2014, de 18 de março)

Tempo de realização da prova – 120 minutos

Leia o texto seguinte, de José Eduardo Agualusa.

A língua que nos constrói



José Eduardo Agualusa

- 1 Não há como a brutal aspereza do alemão quando o que se pretende é intimidar alguém. Experimente, por exemplo, gritar «*Macht es Ihnen etwas aus, wenn ich rauche?*», enquanto arranha o ar com os punhos, e vai ver que o efeito é aterrador. A frase em causa, no entanto, significa simplesmente «*Importa-se que eu fume?*». Desconfio que pouca gente teria levado Adolfo Hitler a sério, com aquele bigode ridículo, a franjinha tenaz, a miserável figura de carteirista sem sorte,
- 5 se ele se exprimisse no repousado português do Alentejo, na cantoria afável dos napolitanos ou na alegre geringonça dos ciganos espanhóis. Porém, sempre que vejo imagens do homenzinho, aos gritos, no esforço de cuspir arame farpado, compreendo o vasto terror que inspirou.
- Em francês, pelo contrário, é possível dizer quase tudo, inclusive obscenidades, como se fosse uma declaração de amor. [...] «*Escargots*», outro exemplo, não são caracóis. Os caracóis comem-se nas tascas rudes dos bairros operários, com palmadas nas costas, gargalhadas, vinho derramado sobre a mesa (de plástico). Já o «*escargot*» supõe toalhas de linho, copos de cristal, velas altas em candelabros de prata, sussurros, o tédio da boa educação.
- 10 E o espanhol? Quando era criança, acreditava que fosse uma língua inventada pelos palhaços. Talvez porque os palhaços da minha infância fossem invariavelmente de origem espanhola, talvez porque o espanhol me parecesse uma forma desastrada de falar português. Hoje, continuo a acreditar que o espírito festivo dos espanhóis — uma cortina de melancolia
- 15 separa Portugal da península — se deve ao uso da língua.
- Ao sol dos trópicos, em África e no Brasil, a língua portuguesa floresceu. [...] Nos países onde se fala português ficou sempre, no entanto, uma sombra da melancolia lusitana, o que explica a morna, o chorinho, o culto particularíssimo da saudade.
- Nós criamos as línguas e depois elas recriam-nos a nós. Escritores como o brasileiro Guimarães Rosa ou o moçambicano
- 20 Mia Couto tornaram-se conhecidos como inventores de palavras.
- Raramente, porém, as palavras criadas por um escritor ganham vida real, ou seja, alcançam a linguagem do povo. As palavras não têm autor.
- Conheço no entanto um brasileiro que se orgulha de ter dado nome não a um objeto — o que seria realmente vulgar —,
- 25 mas a um povo. Um povo inteiro. Gustavo, o meu amigo, é operador de câmara. Há alguns anos acompanhou uma pequena equipa numa expedição à floresta da Amazônia. Numa zona remota da floresta descobriram uma tribo indígena até então completamente desconhecida. Os índios receberam-nos com manifestações de júbilo e deslumbramento.

30 Afeiçãoaram-se sobretudo ao meu amigo, carioca de Copacabana, surfista, excelente figura. Gustavo odiava a curiosidade dos índios. Afastava aos gritos os bandos de crianças que teimavam em investigar os seus pertences, fascinados com a câmara, as lentes, as luzes: «Tira a mão daí! Tira a mão daí!» Era isto o dia inteiro. Os índios não se incomodavam. «Tira a mão daí!», gritava o Gustavo, e eles riam-se, ensaiavam carícias, voltavam a enfiar as mãos nas mochilas. A equipa foi-se embora, e alguns meses depois um grupo de antropólogos chegou ao local. Gustavo tem a certeza que os índios receberam a delegação, efusivamente, com a única frase que sabiam em português. Os antropólogos acharam, provavelmente, que era uma afirmação identitária. O facto é que a tribo é conhecida hoje entre os indigenistas por este estranho nome — Txiramãdaí.

José Eduardo Agualusa, *Pública*, 3 de outubro de 1999, online em <http://www.ciberduvidas.pt/idioma.php?rid=2183> [01.03.12]

GRUPO I

1. Associe cada uma das línguas ou variedades linguísticas (coluna A) à única afirmação que lhe corresponde (coluna B) de acordo com as informações textuais.

Copie para a folha de respostas cada alínea e o número correspondente.

COLUNA A	COLUNA B
a) alemão	1. Pertence a um povo cujo nome provém de uma expressão identitária.
b) espanhol	2. Mantém um certo tom melancólico, próprio do sentimento da saudade.
c) francês	3. Associada pelo autor à língua falada pelos palhaços.
d) português em África e no Brasil	4. Podem proferir-se obscenidades a soar a declarações de amor.
e) português no Alentejo	5. Parece a língua afável cantada pelos napolitanos.
	6. Caracteriza-se por ser uma expressão repousada.
	7. Continua a ser falada entre as comunidades de ciganos.
	8. Manifesta uma aspereza brutal em situações de intimidação.

2. Para cada expressão (2.1. a 2.3.), selecione a opção mais adequada ao sentido do texto de José Eduardo Agualusa.

Copie para a folha de respostas o número do item e a letra que selecionou.

2.1. No contexto em que ocorre, o conector «no entanto» (linha 3) poderia ser substituído por...

- (A) enquanto.
- (B) mas.
- (C) porém.
- (D) porque.

2.2. A expressão «homenzinho» (linha 6) refere-se a...

- (A) José Eduardo Agualusa.
- (B) Adolfo Hitler.
- (C) Um alentejano.
- (D) Um napolitano.

- 2.3. Na frase “Já o «escargot» supõe toalhas de linho, copos de cristal, velas altas em candelabros de prata, sussurros, o tédio da boa educação.” (linhas 10 e 11), está presente uma...
- (A) personificação.
 (B) metáfora.
 (C) hipérbole.
 (D) enumeração.

GRUPO II

Responda, de forma correta e bem estruturada, aos itens que se seguem.

1. Tendo em conta a opinião do autor sobre Hitler, por que razão o poder comunicativo desta figura histórica seria diferente “se ele se exprimisse no repousado português do Alentejo, na cantoria afável dos napolitanos ou na alegre geringonça dos ciganos espanhóis” (linhas 5-6)?
2. Explique por que motivo o autor afirma que “«Escargots» (...) não são caracóis» (linha 9)?
3. Segundo José Eduardo Agualusa, “As palavras não têm autor” (linha 21-22). Concorda com esta afirmação? Justifique a sua resposta, mencionando elementos do texto.
4. Indique o motivo pelo qual os antropólogos consideraram que «Txiramãdai» era uma «afirmação identitária» (linha 33)?
5. Transcreva do texto uma expressão que possa explicar o sentido do título. Fundamente a sua resposta.

GRUPO III

Certamente, na sua vida já passou por situações em que experimentou as vantagens de saber mais do que uma língua.

Imagine que vai escrever um artigo de opinião, para uma revista juvenil, sobre as vantagens de dominar várias línguas. Redija esse texto, com um mínimo de 150 e um máximo de 200 palavras, apresentando pelo menos três argumentos que ajudem a convencer jovens a estudar línguas.

Cotações									
Grupo I				Grupo II					Grupo III
1.	2.	3.	4.	1.	2.	3.	4.	5.	
2,5	0,5	0,5	0,5	1,5	1,5	1,5	1,5	2	8